Anexos

Os Caramelos

PROPOSTAS DE TRABALHO

Câmara Municipal de Palmela
Divisão de Património Cultural / Museu Municipal – Serviço Educativo

RAFAEL, O MENINO QUE SE TORNOU CARAMELO

Era uma vez... há muito tempo atrás, numa época em que ainda havia um rei a governar Portugal, uma família que vivia num lugar chamado Cadima. Cadima fica numa região do país que se chama Beira Litoral, bem perto de Coimbra.

Esta família era constituída pelo pai, pela mãe e por sete filhos. Nesta altura, os meninos tinham sempre muitos irmãos ou irmãs com quem brincar, porque as famílias eram sempre muito numerosas.

Porém eram pobres. Viviam numa casa muito pequena feita de pedra, e muitas vezes não tinham o que comer.

O pai e os quatro irmãos mais velhos trabalhavam na agricultura, enquanto a mãe cuidava das tarefas domésticas e dos três irmãos mais pequenos, ainda muito novos para irem para o campo trabalhar.

O mais pequeno tinha apenas três anos, chama-se Rafael e é o herói da nossa história.

O Rafael era um menino muito irrequieto e curioso. Acordava todos os dias bem cedo. Ainda o sol não tinha nascido e já andava ele com o cão Crespim, a apanhar lenha para o forno. Fazia-o, não só porque gostava, mas sobretudo porque naquela altura todos tinham que ajudar nas tarefas da casa. Mas como era ainda muito pequeno, o resto do dia era passado na brincadeira, ora com os irmãos, ora com os vizinhos, ora sozinho. Imaginava que era um pássaro, uma planta, ou até uma pedra, construía esconderijos e corria pelos campos à descoberta de locais novos, ainda desconhecidos. E à noite, cansado, dormia a sonhar.

Como já foi dito nesta história, a família do Rafael era muito pobre. Havia pouco trabalho e cada vez se tornava mais difícil conseguir dinheiro para comprar alimentos e roupas.

Depois de muito pensarem, os irmãos mais velhos decidiram que tinham de partir. Alguém lhes tinha falado num lugar chamado Palmela, que ficava para lá do rio Tejo, onde havia muito trabalho nos campos no cultivo da vinha, arroz ou cereais. E assim foi, partiram para a herdade de Rio Frio que fica perto do Pinhal Novo e que antigamente era tão grande que ocupava até a própria vila, aliás, era considerada a maior do Mundo.

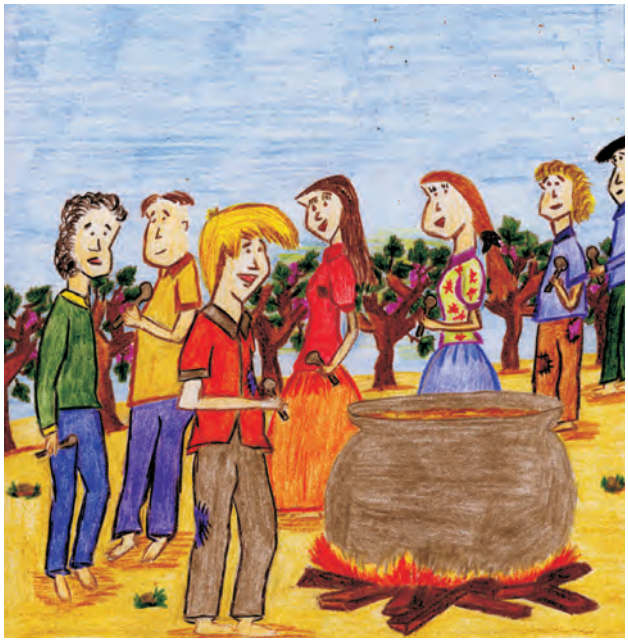
Durante vários dias o nosso amigo Rafael não conseguiu brincar. Não se adaptava a uma casa meio vazia, sem o sorriso dos irmãos de quem tanto gostava. Daqui para a frente só iria vê-los por altura do S. João (em Junho), quando regressavam para umas pequenas férias.

Mas, além das saudades, ele passava o tempo a tentar imaginar o lugar para onde tinham ido. Rafael apenas conhecia dois ou três quilómetros ali em redor da sua casa. Nada mais. E curioso como era, queria poder conhecer tudo! Prometeu então a si mesmo que assim que tivesse idade, também iria partir, tal como os irmãos, para novos locais.
Chegou então o dia de Rafael completar 13 anos.
É verdade que hoje, todos os meninos com treze anos ainda andam na escola, a estudar e aprender, mas na altura da nossa história todas as crianças começavam a trabalhar muito cedo para ajudar nas despesas da casa. O nosso amigo Rafael há muito que tratava dos animais, apanhava lenha e ajudava nos trabalhos agrícolas.
Foi exactamente nesse mesmo dia, depois dos pais lhe cantarem os parabéns, que contou a novidade: ia partir para Palmela juntamente com os irmãos.
Mais um filho que se ia embora, pensaram tristemente os pais, mas não o podiam impedir, a vida assim o exigia.
Assim, no dia seguinte bem cedo, com apenas uma pequena mala de madeira que continha um bocado de pão e toucinho para a viagem, e uma muda de roupa – umas calças, umas ceroulas, uma camisa, um colete, um casaco e uma manta para se proteger do frio à noite – despediu-se dos pais e entrou no comboio rumo à herdade de Rio Frio.

Começou por ficar espantado com o grande número de meninos que, como ele, iam trabalhar para longe dos pais, mas depressa fez amigos e juntos partiram à descoberta de um mundo novo.
Depois de muitas horas, quase um dia inteiro, o comboio parou. Mas não pensem que a viagem terminou! Tiveram ainda que andar muitos quilómetros a pé. Ah! O que é que acham que ele tinha calçado?

Nada! Na altura desta história poucas eram as pessoas que tinham possibilidades para comprar

um par de sapatos. E se os tivessem, só os calçavam quando iam ao médico ou a alguma festa especial, para não os estragar com tanto uso.
Portanto, pelo caminho, com os pés de fora, lá iam eles, grandes e pequenos, até à herdade.
Chegaram. Como era grande! Até perder de vista. Muitas pessoas vinham recebê-los, trabalhadores como ele, que a cantar lhes davam as boas vindas.
Começaram por lhes mostrar onde é que iam dormir: uma casa comprida, cheia de camas de palha, todas ao lado umas das outras, sem sequer uma cortina a separá-las. Iria dormir a ouvir o ressonar dos outros, pensou.
Depois indicaram-lhe o que iria fazer: mondar arroz, plantar vinha, vindimar, cultivar cereais, apanhar lenha, cortiça e muitas outras coisas necessárias ao trabalho agrícola.
Explicaram-lhe que tinha de se levantar bem cedo, com o sol ainda a dormir e começar imediatamente a trabalhar.



A meio da manhã pararia para almoçar umas "migas de milho". Sabem o que é? É pão esmagado e frito em azeite. Mas o que mais custou a Rafael foi a forma como tinha de comer. Colocava-se numa fila, com uma colher na mão. Quando chegava à panela tirava uma colher de migas e comia, depois voltava para o fim da fila à espera que chegasse de novo a sua vez de poder tirar mais um bocado. À noite, jantava sopa de feijão com hortaliça e batatas.
Porém o que achava muito estranho, era o nome que as pessoas que cá viviam lhe chamavam, a ele e aos amigos. Chamavam-lhes os "caramelos de ir-e-vir". Ele bem perguntava porquê, mas ninguém sabia explicar! Era assim desde há anos, desde que os primeiros beirões, os da Beira Litoral, começaram a ir para ali trabalhar. "Óh Rafael caramelo!" estava constantemente a ouvir.
Tal como os irmãos, por altura do S. João ia a Cadima visitar a família, mas no mês seguinte regressava ao trabalho à herdade.
Os anos foram passando e Rafael fez-se um homem.

Um dia, depois do trabalho, foi a um baile. Naquela altura as danças eram feitas ao som de uma concertina ou acordeão, e dançava-se sempre acompanhado, aos pares. Ao procurar uma rapariga que o quisesse acompanhar, viu ao fundo uma jovem muito bonita que dançava e cantava muito bem.
Apaixonou-se de imediato! E ela também! E qual não foi o seu espanto quando descobriu que ela também vinha da Beira Litoral, de uma terra perto da dele, de Tocha.
Dançaram, conversaram, começaram a namorar e, passados uns tempos, decidiram casar.
Mas chegaram a um grande dilema. Onde é que

iriam morar? Em Cadima? Em Tocha? Em Rio Frio? É verdade que em Tocha ou em Cadima estavam mais perto da família, mas continuava a não haver trabalho. Souberam então que o dono da herdade de Rio Frio, um senhor chamado José Maria dos Santos, estava a arrendar umas parcelas de terreno para os trabalhadores que quisessem ali viver. Foi uma óptima novidade!

Escolheram um local bem bonito, ali perto da Palhota, e construíram a casa onde iriam habitar. Não pensem que era uma casa muito grande! Pelo contrário. Tinha uma pequena cozinha com uma chaminé onde faziam o comer, ao lado uma pequena sala e por fim dois quartos tão pequeninos, tão pequeninos, que apenas cabia uma cama em cada um. Estão vocês a pensar, "então e a casa-de-banho?", pois, não tinha. Antigamente as pessoas faziam as necessidades no campo, escondidos atrás das árvores ou num buraco no chão.

Mas além da casa onde comiam e dormiam, tinham também uma pequena adega onde faziam vinho, uma abegaria – que era o sítio onde guardavam os alimentos, o estábulo para o burro e o chiqueiro para o porco. Ao fundo, tinham uma pequena horta onde plantavam batatas, feijão, milho, e ao lado um poço e um tanque para lavar a roupa.

Tal como o Rafael, muitas outras pessoas, os chamados caramelos, ali construíram as suas casas. Deixaram de ser os "caramelos de ir-e-vir", para se tornarem os "caramelos de ficar"!

E o Rafael ficou, teve filhos, envelheceu e contou-nos entre lágrimas de sorrisos de saudade, a história da sua vida. Num tempo em que o rei ainda governava Portugal.

ORIGEM DO PINHAL NOVO

FICHA DE INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO IMÓVEL

1. *Nº de Inventário* _____

2. *Qual é o nome da construção?* _____

3. *Qual é a sua localização?* _____

4. *Para que servia?* _____

5. *Para que serve actualmente?* _____

6. *Descreve e desenha a construção.* _____

7. *Como é o seu estado de conservação?*

	Muito Bom	**Bom**	**Razoável**	**Mau**	**Ruína**
Muros					
Paredes					
Pavimentos					
Cobertura					
Outros					

8. *Quem é o proprietário?*

Nome: _____

Endereço: _____

9. *Em que época foi construída?* _____

10. *Em que materiais foi construída?* _____

_____

11. *Quem construiu?* _____

12. *Descubro mais informações:* _____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

13. *Esta ficha foi preenchida por* _____

Escola _____ *Ano de escolaridade* _____

O meu professor chama-se _____

Data: _____/_____/_____

FICHA DE INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO MÓVEL

1. *Nº de Inventário* _____

2. *Qual é o nome da peça?* _____

3. *Qual é o nome do proprietário da peça?* _____

_____

Morada: _____

_____

_____

4. *Qual era a sua função?* _____

_____

_____

Até quando foi utilizada? _____

_____

5. *Em que lugar a recolhi?* _____

_____ *Data:* ____/____/____

6. *Quem construiu a peça?* _____

7. *Onde foi comprada?* _____

8. *De que material é feita?* _____

9. *Quanto mede?*

Altura: _____ *Largura:* _____

Diâmetro: _____ *Profundidade:* _____

10. *Descreve e desenha a peça.* _____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

11. *Qual é o seu estado de conservação?*

Muito Bom	Bom	Razoável	Mau

12. *Descubro mais informações:* _____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

13. *Esta ficha foi preenchida por* _____

Escola _____ *Ano de escolaridade* _____

O meu professor chama-se _____

Data: _____/_____/_____

CD *(anexo 5)*

ARQUITECTURA DE TERRA

DESCOBRE AS CASAS DE TERRA

*Descobre quais as construções feitas totalmente ou parcialmente em terra, assinalando-as com um **X**.*
Faz também um círculo à volta das casas de tipologia caramela.
Em grupo discute com os teus colegas as dificuldades que tiveste nesta descoberta e a tua opinião sobre este material de construção.

Arranha-Céus
(Estados Unidos da América)

Casa Tradicional no Alentejo

Casa Tradicional de Pescadores, em Mira

Pirâmides no Egipto

Pinhal Novo

Austrália

Marrocos

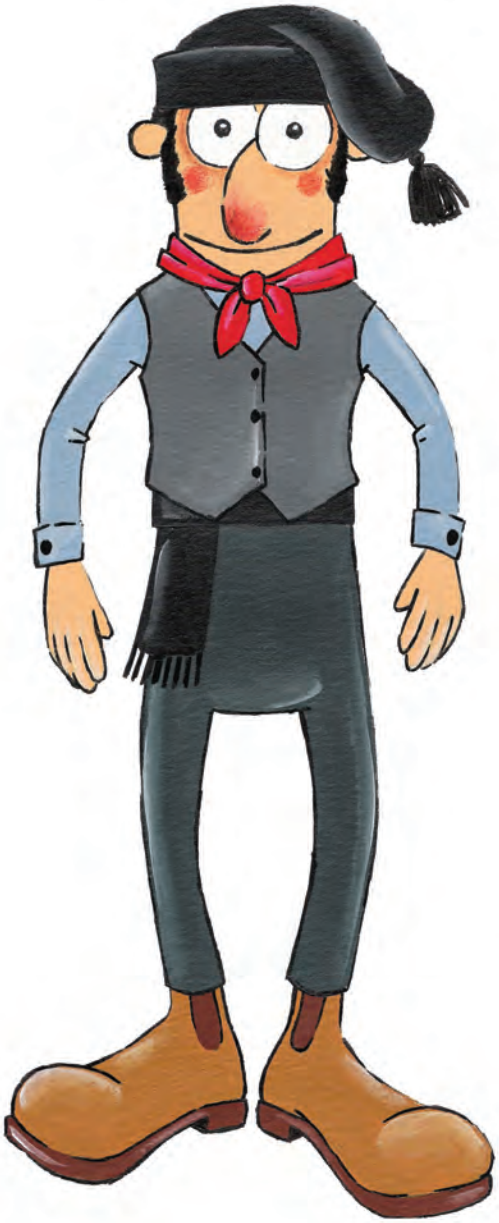
Centro Histórico do Porto

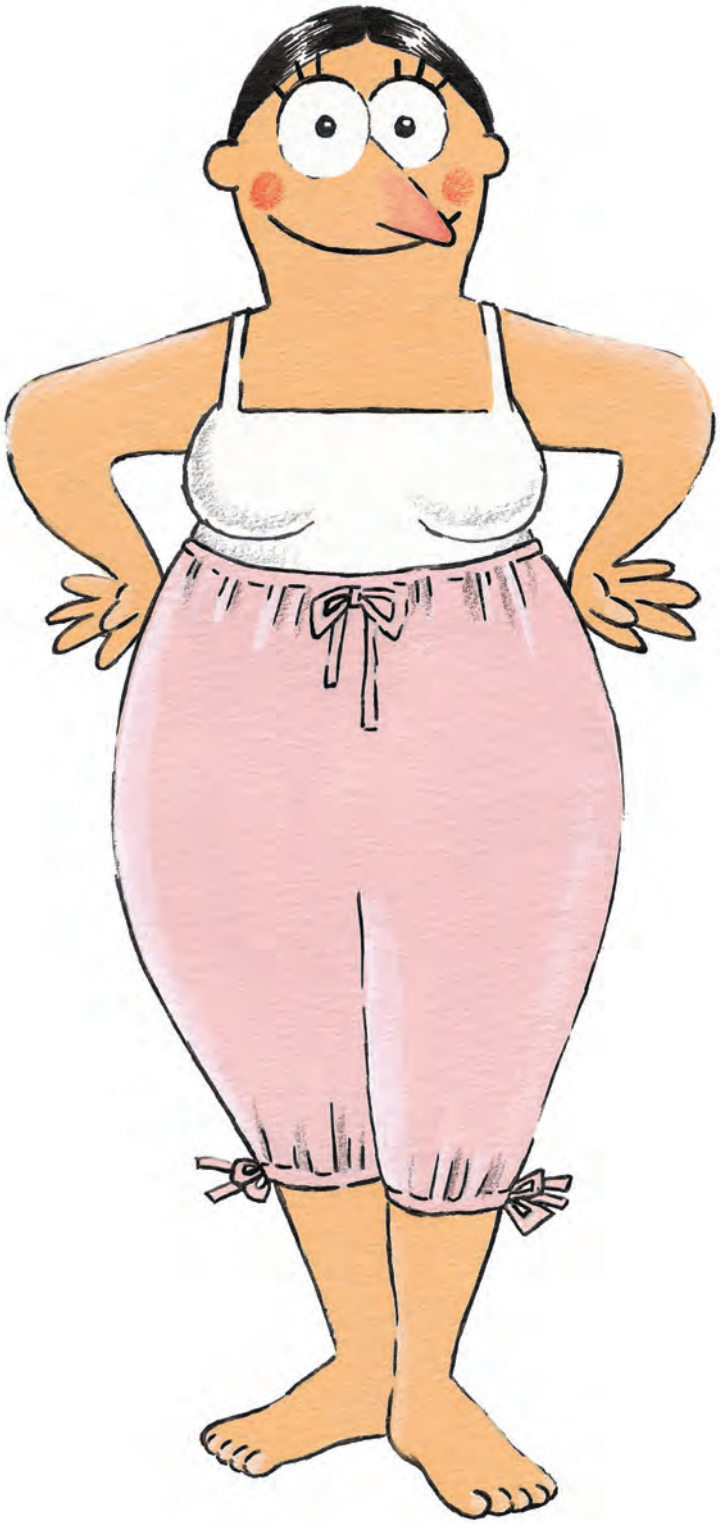
Palmela

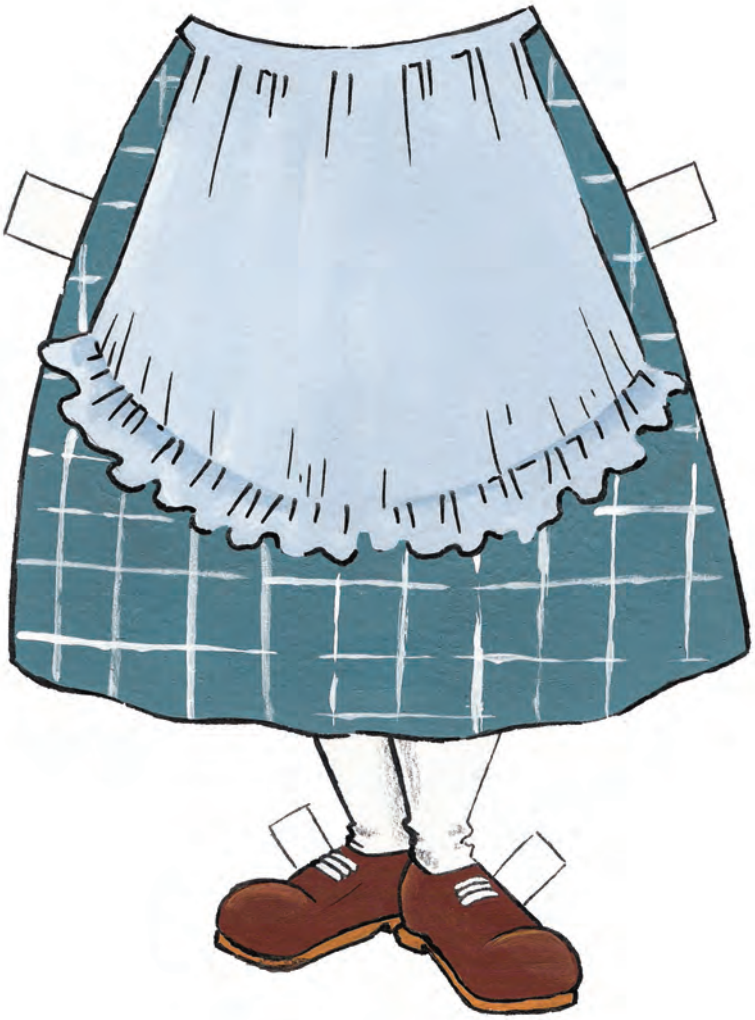
DESENHA E COMPARA

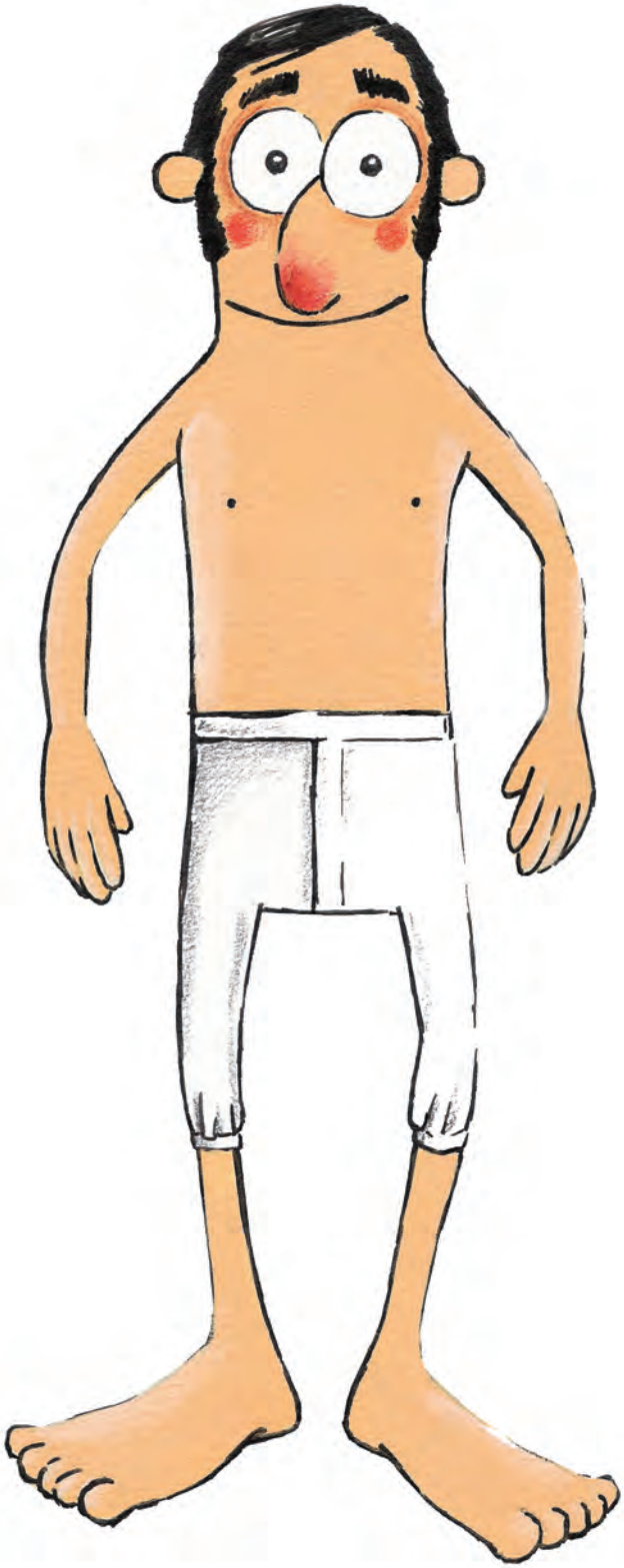
No primeiro quadro desenha a tua casa. No segundo desenha uma casa caramela. Agora compara e identifica as diferenças.

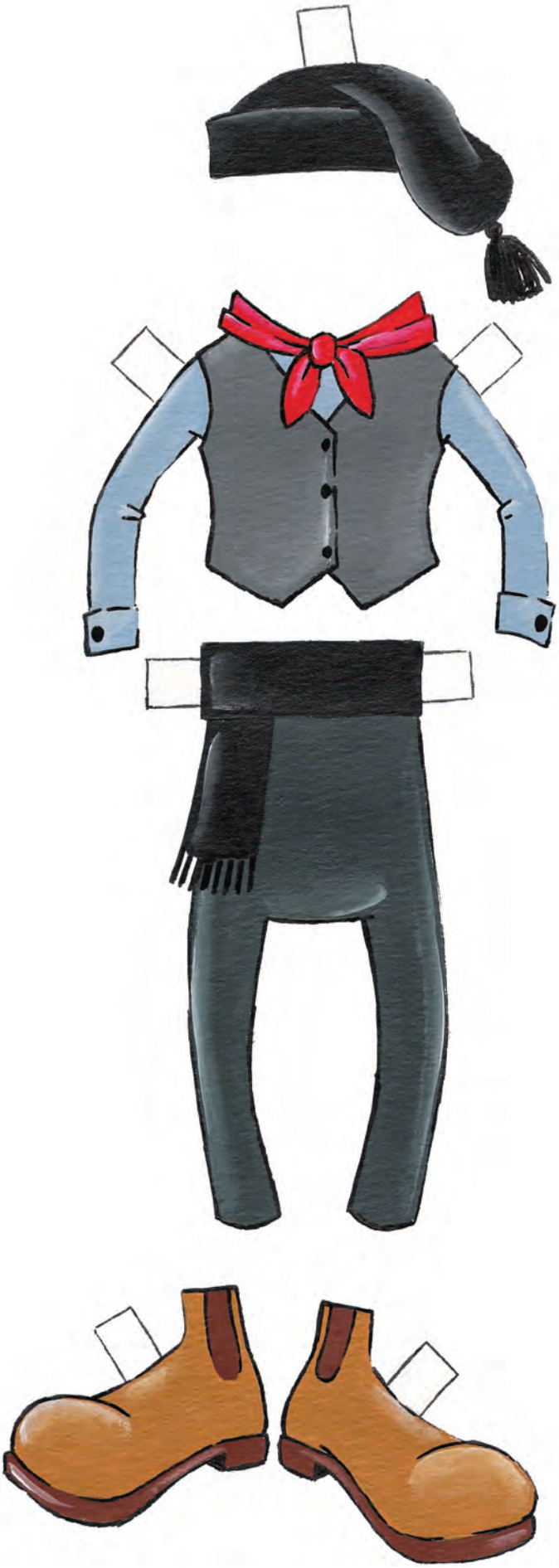
RAPAZ E RAPARIGA CARAMELOS











LIVRO DE RECEITAS

Através da recolha de memórias junto de antigos trabalhadores rurais, e com a contribuição da Confraria Gastronómica do Concelho de Palmela, preparámos algumas receitas que colocamos nas páginas seguintes, como proposta de trabalho. São receitas simples, adequadas à modesta vida do campo de outros tempos, e que por esse motivo propomos que as confeccionem ou no espaço da escola, para uma refeição especial, ou em casa junto dos familiares. E enquanto comem, peçam aos vossos pais e avós que vos contem as histórias da sua infância...

SOPA CARAMELA (Receita 1)

Esta sopa, muito consistente, era a base da alimentação dos trabalhadores rurais. Embora existissem muitas variações, visto que cada pessoa confeccionava ao seu gosto e com os ingredientes de que disponha, apresentamos duas das receitas mais comuns.

½ l de feijão
1 toucinho
1 couve caramela ou couve portuguesa
1 mão cheia de massa macarrão
Azeite
Sal

1 Coloca-se o feijão de molho algumas horas, que é depois cozido em água a ferver.
2 Frita-se o toucinho em azeite, partido aos bocados. Quando já estiver frito é esmagado com um garfo.
3 Parte-se a couve com a mão. Coze-se, juntado-se o toucinho e tempera-se com sal.
4 Logo que esteja cozida, adicionam-se o macarrão e o feijão.

Está pronta a ser servida.

SOPA CARAMELA COM OSSOS (Receita 2)

Habitualmente, quando se matava o porco, retiravam-se os ossos do animal, ainda com bocados de carne, que eram aproveitados para a sopa caramela.

½ l de feijão
1kg de ossos carregados e coiratos
0,5 Kg de batatas
1 couve caramela ou portuguesa
1 mão cheia de massa macarrão
Azeite
Sal

1 Coze-se o feijão com o conduto e sal.
2 Deita-se a couve cortada e as batatas aos quadrados.
3 Logo que estejam cozidas junta-se a massa. Rectifica-se o tempero.

Está pronta a ser servida.

Muitas vezes, as pessoas aproveitavam o caldo de cozedura para à ceia, ferverem e adicionarem farinha de milho. Assim se compunha mais uma refeição.

CARAPAUS SECOS

Embora hoje em dia se fale do problema da extinção de várias espécies de peixe, antigamente este era um alimento em abundância, e apesar de relativamente longe dos rios, numa altura em que as deslocações eram feitas de carroça ou a pé, muitas eram as refeições feitas com bacalhau, carapau, pedim, tainha, etc. Este facto deve-se especialmente à presença habitual de vendedores de Setúbal, que percorriam em bicicletas os caminhos rurais do concelho.
Para além do peixe assado, comia-se também peixe seco ao sol. Este procedimento permitia que este se conservasse por mais tempo e que pudesse ser comido no Inverno, fora das estações quentes.

1 Amanham-se os carapaus, tirando-lhes as tripas e abrindo-os ao meio. Deixa-se a cabeça.
2 Faz-se uma salmoura (água e sal) durante 2 horas.
3 Após este tempo, põem-se os carapaus a secar em arames previamente colocados nas tampas dos cestos de vime, e são pendurados dentro de casa para que os animais não lhes cheguem.
4 Passado dois ou três dias são virados. O tempo de secagem depende da temperatura ambiente.
5 Quando já estão secos, são guardados no interior dos cestos de vime que, por serem arejados, impedem o peixe de se estragar, conservado-se durante o Inverno.

Na altura de cada refeição, o peixe seco poderia ser confeccionado de diferentes formas. Fritos, embora menos habitual por ficar demasiado seco, ou cozido com batatas com pele.
Era frequente fazerem um molho de tomatada para acompanhar o peixe cozido.

MOLHO DE TOMATADA

1 Frita-se um naco de toucinho, juntamente com uma cebola. Deixa-se alourar.
2 Juntam-se dois tomates, um pimento e um pouco da água da cozedura.
3 Este molho regava depois o peixe cozido.

Está pronto para ser servido.
Era também frequente que se comesse o peixe ao almoço, e ao jantar uma sopa com o caldo.

GALINHA ACEREJADA

A Galinha apenas se comia em dias festivos. Este prato era habitualmente confeccionado por altura do Carnaval.

1 galinha
Chouriço
8 dentes de alho
2 cebolas
2 colheres de sopa de banha
Vinho branco
½ colher de sopa de colorau
Salsa
Sal

1 Parte-se a galinha em pedaços e coze-se num tacho com pouca água temperada de sal.
2 Junta-se um naco de chouriço de carne e 2 dentes de alho.
3 Retira-se o preparado anterior e no mesmo recipiente cobre-se o fundo com rodelas de cebola e 6 dentes de alho, uma colher de sopa de colorau e duas colheres de banha.
4 Aloura-se a galinha. Deita-se um pouco de vinho branco até apurar.
5 Picam-se os coentros e envolve-se os ingredientes. Rectifica-se o tempero a gosto.
6 Com a água de cozer a galinha, faz-se arroz branco.

Está pronta para ser servida.

BATATAS ENSALSADAS

1 kg de batatas novas
200g de toucinho
½ colher de sopa de colorau
1 colher de chá de vinagre
Coentros
Sal

1 Coze-se as batatas com a pele.
2 Depois de cozidas retira-se a pele.
3 Frita-se o toucinho juntamente com a cebola cortada a meias luas.
4 Logo que esteja frita deita-se o colorau, um pouco de vinagre e tempera-se a gosto.
5 Pica-se um pouco de coentros e envolve-se até estar pronto.

Está pronta a ser servida.

ARROZ DOCE

Por razões económicas e pela pouca disponibilidade de tempo, não era habitual que se fizessem muitos doces. O mais comum era o arroz doce, apenas confeccionado nas épocas festivas.

10 colheres de sopa de arroz
½ litro de leite
1 pacote de açucar
Sal
5 colheres de açúcar em pó

1 Coze-se o arroz em água a ferver durante 3 minutos.
2 Escorre-se o arroz num passador que é depois colocado num recipiente com o leite a ferver.
3 Acrescenta-se uma pitada de sal e deixa-se cozer, aproximadamente 15 minutos.
4 Retira-se do lume e acrescentam-se 4 colheres de açúcar em pó.
5 Enfeita-se com canela.

Está pronta a ser servida.

RESTA-NOS DESEJAR UM BOM APETITE!

JOGOS E BRINQUEDOS TRADICIONAIS

JOGO DA MACACA

É necessário desenhar a figura da macaca no chão, com recurso a um pau ou a giz. Deverás numerar cada casa, desde o número 1 (a casa mais perto de ti) até ao 8.

A primeira criança a jogar lança uma pedra para a casa 1 (se a pedra ultrapassar os limites da casa, perde e dá a vez ao jogador seguinte). De seguida, em pé-coxinho, terá que saltar de casa em casa, excepto quando se trata das casas 3/4 e 6/7, altura em que o percurso será feito com os dois pés simultaneamente. Na casa 8, ao saltar, a criança deverá rodar sobre si mesma e inverter o percurso, até chegar à casa que tem a pedra e apanhá-la, equilibrando-se apenas num pé. Ainda em pé-coxinho, regressa ao início. Volta de novo a lançar a pedra, desta vez para a casa seguinte, agindo da forma descrita anteriormente. Cada vez que a pedra é lançada para fora, para outra casa que não a correspondente, ou que haja um desequilibro a ponto de tocar com os dois pés no chão, nas casas que não o permitem, a criança deverá dar a vez a outro jogador. E neste caso, quando reiniciar o jogo, a criança deverá recomeçar dessa mesma casa. Quando chega a altura de lançar a pedra para a casa 8, o percurso até ao início deverá ser feito totalmente ao pé-coxinho, e com a pedra colocada no peito do pé. Depois, deve ir de novo até à casa 8, mas desta vez com os olhos fechados, abrindo-os apenas nas casas 6/7. Já na casa 8, lança a pedra, de costas, e na casa onde esta cair assinala o seu nome. No final, quando todas as casas estiverem preenchidas com os nomes, ganha o jogador que tiver mais casas.

JOGO DO LENCINHO

Um grupo de crianças desenha uma roda, colocando-se com as mãos atrás das costas. Uma das criança fica de fora e deve correr à volta do grupo, pelo exterior, com um lenço na mão. Ao acaso, deverá escolher uma das crianças da roda e deixar cair o lenço atrás dela, continuando depois a correr. Embora as crianças da roda não possam olhar para trás, e os restantes colegas não o possam avisar com o risco de irem parar ao castigo, quando esta se aperceber que o lenço está atrás de si, deve correr atrás do outro, tentando agarrá-lo, enquanto este procura ocupar o lugar vago. Se o jogador que está apanhar não conseguir alcançar o que foge, fica desta vez fora da roda, com o lenço. Se pelo contrário, conseguir apanhá-lo antes deste alcançar o seu lugar, o que perde vai de castigo para o centro da roda, e coloca-se de cócoras, até outro jogador ocupar este lugar. Se o jogador a quem o lenço foi deixado, não se tiver apercebido, deverá ocupar o centro da roda de cócoras, e a criança que corria com o lenço na mão, continua a fazê-lo, até o deixar novamente cair. Os jogadores apenas podem sair do castigo quando uma outra criança lá for parar. Enquanto corre, a criança que transporta o lenço deverá cantar. Embora deixemos à tua consideração a escolha da música, deixamos aqui uma letra tradicionalmente cantada no decorrer do jogo:

"O lencinho vai na mão,
vai cair ao chão,
quem olhar para trás
leva um grande bofetão"

JOGO DO ANEL

Uma criança deverá ser a portadora do anel (ou outro objecto de pequenas dimensões). Esta coloca-o no meio das suas mãos, encostadas uma à outra. Numa fila, virados para a frente, os restantes jogadores colocam as mãos na mesma posição. O que transporta o anel vai passando as mãos no meio das mãos das outras crianças, e quando entender, deixa o anel em alguém, sem que os restantes se apercebam. Após passar por todos, pergunta a um jogador ao acaso: "Quem tem o anel?" Se este acertar, torna-se o novo portador do objecto, senão deverá cumprir o castigo que todos acordarem.

JOGO DA CABRA CEGA

As crianças deverão formar uma roda, dando as mãos. Outra, a cabra-cega, tapa os olhos com uma venda e coloca-se de cócoras no centro da roda.

Inicia-se o diálogo:

"Cabra-cega, de onde vens?"

E a cabra cega responde: "Venho da Serra."

"O que me trazes?"

"Trago bolinhos de canela."

"Dá-me um!"

"Não dou."

E neste momento, a cabra-cega sempre de olhos vendados, depois de dar o número de voltas sobre si mesma correspondente à sua idade, corre até conseguir apanhar um dos colegas, enquanto estes gritam e lhe tocam nas costas. Quando consegue fazê-lo, tem de adivinhar o seu nome, apalpando as mãos e o rosto da criança. Se acertar, o que foi apanhado passa a ser a cabra-cega.

JOGO DA PORCA

Com uma bola feita de areia ou de meias, uma equipa tenta colocá-la com os pés, no interior de uma pequena cova previamente aberta no chão. A outra equipa, também com os pés, tenta defender, impedindo que o objectivo seja alcançado.

BONECA DE TRAPOS

Os poucos recursos económicos impediam os pais de comprarem brinquedos para os filhos, e assim, o aproveitamento de diversos materiais aliado à criatividade das crianças, dava origem a brinquedos muito interessantes. As antigas bonecas de trapos são disso exemplo.

A cabeça feita com meias velhas que se enrolavam continuamente até formarem uma bola. O cabelo dourado das espigas de milho, cuidadosamente enfiadas nas meias, terminado com a linha preta de cozer, que contornava os olhos, a boca e o nariz. O corpo, era feito tal como a cabeça, mas com uma forma oval, de maiores dimensões.

Também eram comuns as bonecas de papelão. Porém, mais frágeis, estragavam-se facilmente. Mas, recorrendo à tua imaginação, deves experimentar fazer uma para mostrares aos teus familiares. Eles vão gostar de recordar.

BONECAS DE PAPOILA

Na Primavera os campos cobrem-se de papoilas vermelhas que ajudam a colorir a paisagem. Estas flores eram aproveitadas para criar bonecas. Com as pétalas viradas para baixo formando a saia, e a cabeça o próprio centro da flor, bastava espetar um pequeno pau atravessado, que formava os braços.

SALTOS ALTOS

Atava-se uma fita no centro de dois carros de linhas de madeira, que as meninas colocavam debaixo dos calcanhares, com os pés descalços, atando as fitas aos tornozelos. Assim, imaginavam que andavam de sapatos de salto alto.

BOLAS DE TRAPO

Jogar à bola sempre foi um dos divertimentos preferidos. Visto que não podiam ser compradas, as crianças também utilizavam as meias velhas., que torciam e enrolavam sucessivamente até atingirem o tamanho desejado.

RODA

Aproveitando os aros das rodas das carroças, as crianças corriam empurrando a roda, através de um arame dobrado na extremidade que toca a roda.

SOPRA BUGALHINHO

Numa pequena cana, faz-se um orifício numa das extremidades. Sobre esse orifício coloca-se uma ervilha, ou outro objecto destas dimensões e peso. Sopra-se na extremidade contrária e o bugalhinho ficará suspenso no ar o tempo que se conseguir.

PIÃO

Embora hoje em dia a crianças saibam perfeitamente o que é um pião, este já não é um brinquedo muito corrente. Porém, nos relatos de memórias que recolhemos, os piões eram constantemente lembrados como um dos brinquedos preferidos, feitos com engenho, pelas próprias crianças e pais.

Utilizando-se um bocado de madeira rija, como o carvalho, delineia-se uma forma cónica de base pontiaguda. Na carrapeta enrola-se um cordel em espiral e depois lança-se ao chão, ficando a rodopiar.

IÔ-IÔ

Também o iô-iô era feito pelas crianças. Juntam-se dois discos de madeira, através de um eixo, ao qual se prende um fio. A outra extremidade deste fio prende-se no dedo da mão, e o iô-iô vai sendo lançado sucessivamente, com perícia, de várias formas distintas.

FICHA DE AVALIAÇÃO
(PROFESSORES/EDUCADORES)

(anexo 11)

Este questionário tem como objectivo avaliar a maleta pedagógica. Os resultados apurados serão um instrumento que nos permitirá aferir a qualidade deste recurso para adequar práticas no sentido da melhoria contínua.

1. *Identificação*

1.1. *Instituição:* _____

1.2. *Função:*

- ☐ *Educador(a) de Infância*
- ☐ *Professor(a) 1º Ciclo*
- ☐ *Professor(a) 2º Ciclo*
- ☐ *Professor(a) 3º Ciclo*
- ☐ *Professor(a) Ensino Secundário*
- ☐ *Outros*

2. *Avaliação dos conteúdos que constituem esta Maleta Pedagógica*

	Mau	Insuficiente	Suficiente	Bom	Muito Bom
2.1. O conteúdo da maleta é adequado ao tema tratado					
2.2. O conteúdo da maleta é adequado ao nível de escolaridade que lecciona					
2.3. Os materiais que a integram são suficientes e diversificados					
2.4. As propostas de trabalho para os alunos ajudam na compreensão do tema					

3. *Avaliação global*

Indique nesta Maleta Pedagógica

a) *Dois aspectos que mais lhe agradaram*

_____

_____

b) *Dois aspectos que mais lhe desagradaram*

_____

_____

4. *Atendendo à turma que lecciona, sugira outros recursos que considera importantes para integrarem a Maleta Pedagógica.*

_____

_____

_____

5. *Sugestões de Melhoria.*

_____

_____

_____

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!

FICHA DE AVALIAÇÃO (ALUNOS)[1]

(anexo 12)

1 Esta avaliação será feita com base numa amostra, pelo que se sugere que seja preenchida apenas por 2 ou 3 alunos por turma.

1. *Identificação*

☐ *1º Ciclo* ☐ *2º Ciclo* ☐ *3º Ciclo* ☐ *Secundário* ☐ *Outro* _____

2. *Assinala com um X quais das seguintes propostas de trabalho exploraste com os teus colegas:*

☐ *História Infantil "Rafael, o menino que se tornou caramelo"*

☐ *Origem do Pinhal Novo*

☐ *O Trabalho no Museu*

☐ *Arquitectura de Terra*

☐ *Descobre as Casas de Terra*

☐ *Oficina de Arquitectura: Desenha e Compara*

☐ *Vestuário Caramelo*

☐ *Gastronomia Caramela*

☐ *Jogos Tradicionais*

3. *Nesta Maleta Pedagógica:*

3.1. *O que mais gostei...* _____

_____

_____

_____

3.2. *O que menos gostei...* _____

_____

_____

_____

4. *Sugestões:*

_____

_____

_____

*Vou visitar a **Quinta Pedagógica: Casa Caramela** no dia* _____ *e gostava de:*

_____

_____

_____

OBRIGADO E BOA VISITA!

Município
Palmela
www.cm-palmela.pt